

NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA E O ROMANCE DE FORMAÇÃO

NIKETCHE: A STORY OF POLYGAMY AND THE FORMATION NOVEL

Adriane Corrêa de Barros¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é identificar um romance de formação recente, que mantenha a forma clássica do *Bildungsroman*. Retratado como um romance típico da literatura alemã, o romance de formação tem se modificado e ampliado as suas características básicas. Não sendo mais vinculado apenas ao contexto eurocêntrico, tal gênero literário tem se estendido às literaturas americanas, femininas e africanas. Desta forma, foi analisado o romance *Nikette: uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, seguindo os critérios dos autores Moretti (2020), Maas (2000), Lukács (2000) e Brändström (2021) para definir o romance em questão como sendo um genuíno Romance de Formação.

Palavras-chave: *Bildungsroman*. romance de formação. romance de formação feminino. literatura africana.

ABSTRACT: The main objective of this article is to identify a recent formation novel, in which maintain the classic *Bildungsroman* form. Portrayed as a typical novel of German literature, the formation novel has changed and expanded its basic characteristics. No longer tied only to the Eurocentric context, this literary genre has been extended to American, women's, and African literatures. Therefore, the novel *Nikette: a story of polygamy*, by the Mozambican writer Paulina Chiziane, was analyzed, following the criteria of the authors Moretti (2020), Maas (2000), Lukács (2000) and Brändström (2021) to define the novel in question as a genuine Formation Novel.

Keywords: *Bildungsroman*. formation novel. female formation novel. African literature.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo identificar um romance de formação recente, que mantenha a forma clássica do *Bildungsroman*. E em resposta a Moretti (2020), onde ele questiona sobre as mulheres e africanos dentro do *Bildungsroman*, analisamos um romance da literatura africana, *Nikette: uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, lançado em 2002.

O romance aborda a poligamia a partir do olhar de uma mulher e faz uma forte crítica às condições impostas para as mulheres, o qual não retrata somente a vida da protagonista Rami, mas também a difícil situação feminina na sociedade moçambicana.

A história começa após o filho de Rami quebrar o vidro de um carro e, ao tentar resolver a situação com o proprietário do veículo e também com a criança, a personagem se vê confrontada, conscientemente, com a ausência constante do marido. Rami tinha cinco filhos e era casada há 20 anos com Tony, um alto funcionário da polícia local. Certo dia, Rami descobre que o marido é polígamo e tem outras quatro mulheres e mais 12 filhos oriundos de tais relacionamentos.

O desenrolar da história demonstra o amadurecimento da personagem enquanto mulher e dona de sua vida, e, em meio a muitas confusões e desencontros, Rami acha o rumo da sua vida.

Entendendo o que significa o *Bildungsroman* ou romance de formação dentro das perspectivas dos autores Moretti (2020), Maas (2000) e Lukács (2000), Brändström (2021), quando analisamos *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (GOETHE, 1994) como cânone do romance de formação, percebemos que as características deste gênero estão postas para um protagonista homem e burguês.

Mas, nesses mais de 200 anos de *Bildungsroman*, outras literaturas foram se aproximando em suas características. É o caso dos romances com protagonistas mulheres, que também buscam um significado para suas vidas e enfrentam duros conflitos com a sociedade em que vivem.

Desta forma se amplia as características do romance de formação quando se apresenta uma protagonista mulher, percebe-se que, nesse meio, as questões de gênero e desigualdades sociais então mais presentes.

Então, como *Nikette* se aproxima de *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* e pode ser caracterizado tal qual um romance de formação? Ou em quais pontos Rami se aproxima ou se distancia de Wilhelm Meister?

CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO

O livro *Nikette: uma história de poligamia* (2004) foi escrito por Paulina Chiziane, uma escritora moçambicana, a qual foi a primeira mulher a ter um livro de romance publicado em Moçambique, em 1990, chamado *Balada de Amor ao Vento*. Em 2003, com

duras críticas à condição da mulher, a escritora venceu o Prémio José Craveirinha, pela obra *Niketche*.

Mas, para entender o porquê demorou tanto para uma mulher ter um romance publicado em Moçambique, temos que rever a história de seu país.

Em 1964, para tentar pôr fim a colonização portuguesa, em Moçambique havia a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique, que era um movimento armado, que criavam zonas libertas, onde essas áreas ficavam fora do controle e da administração de Portugal (ISSUFO, 2021). Essa luta da FRELIMO contra a dominação portuguesa durou dez anos, encerrando-se após o acordo de Lusaka em setembro de 1974. E em 25 de junho de 1975 foi proclamada oficialmente a independência nacional de Moçambique. Nesta época o país contava com 90% de analfabetos.

Após 1977, se instaurou no país uma guerra civil, onde a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) contestava o governo da FRELIMO. Em 1984, com o objetivo de acabar com guerra, foi assinado o Acordo de Inkomati, mas esse acordo ficou somente no papel.

Em 1992, após 16 anos de Guerra Civil, com o Acordo Geral de Paz de Roma, o ex-presidente de Moçambique e o líder da RENAMO assinaram o acordo de Paz, e o que se via era um país completamente devastado pela guerra.

Em 1994, com auxílio da ONU (Organização das Nações Unidas), aconteceram as primeiras eleições presidenciais. Mas, ano após ano, ainda lutavam com as irregularidades presente nas eleições.

Em 2013, a RENAMO anunciou o fim do Acordo Geral de Paz e, devido às fraudes eleitorais, a RENAMO e a FRELIMO ainda mantinham conflito armado.

Embora a Guerra Civil atinja a todos, a questão cultural do país é o que mais prejudica as mulheres. Durante o período de colônia, as mulheres ainda concordavam, pois acreditavam que suas práticas culturais mantinham vivas a tradição africana. Mas, com o fim do regime colonial, muitas mulheres ainda tentam lutar com essas tradições.

Os aspectos socioculturais e da tradição moçambicana que definem o posicionamento das mulheres na sociedade são os sistemas de organização familiar, nomeadamente patrilinear (Sul do país) e matrilinear (Norte e Centro do país). Estes dois sistemas ditam as formas como as mulheres e homens são socializados e, conseqüentemente, as posições de cada um na sociedade. São também aspectos culturais relevantes e parte da tradição o *lobolo*, a poligamia, os casamentos prematuros, os ritos de iniciação e os

rituais de purificação das viúvas pelo país, entre outros (MAÚNGUE, 2021, s/p).

Nas regiões onde a sociedade é matrilinear, a posição da mulher é um pouco mais favorecida, no entanto, elas não detêm o poder, que fica a cargo do irmão da mãe, com o direito de administrar e distribuir os bens da família. Mesmo o divórcio sendo uma prática permitida, as mulheres são as mais prejudicadas, pois os bens e os filhos ficam com o marido, e, mesmo em caso de falecimento do marido, a esposa não fica com nada.

Os costumes permanecem como uma forma de controle social “que priorizam o coletivo em detrimento do individual” (MAÚNGUE, 2021, s/p), notamos isso claramente quando conhecemos a história de Rami em Niketche (CHIZIANE, 2004), sendo ela do sul e pertencente a uma sociedade patrilinear.

O *lobolo* é uma prática mais comum nas sociedades patrilineares. De forma sucinta, seria o dote da noiva, esse ritual acentua a dominação do homem sobre a mulher, tornando a mulher inferior e propriedade do homem.

Este acordo entre os familiares dos noivos se mantém e nele participam os tios dos noivos, variando de família para família a quantia monetária, fruto da troca. Antigamente, este acordo tinha uma dimensão simbólica em que a troca não envolvia valores monetários. Mas, principalmente, com o início da migração em busca de trabalho para África do Sul, dá-se o início da monetarização deste processo e, conseqüentemente, o *lobolo* como meio de ‘compra e venda’ da noiva (MAÚNGUE, 2021, s/p).

A poligamia, mesmo sendo uma prática que não está na lei em Moçambique, é uma prática cultural de organização familiar, que permite ao homem ter várias esposas ao mesmo tempo.

Os ritos de iniciação “educam as mulheres a serem esposas obedientes, submissas e como agradar aos maridos ou homens” (MAÚNGUE, 2021, s/p), e, em muitos ritos de iniciação, também acontece a mutilação genital, onde a mulheres aprendem como fazer o alongamento de suas genitais.

O ritual da viuvez, chamado de *Kutchinga*, “obriga a viúva a manter relações sexuais com o irmão mais novo do marido falecido” (MAÚNGUE, 2021, s/p). O ritual tem o intuito de purificar a viúva e sua casa.

Essa cultura e esses rituais, embora estranhos, é o que a protagonista Rami (CHIZIANE, 2004) vivencia, descreve e discute ao longo da sua narrativa, mostrando

ambos os lados, o de quem é favorecido (os homens), e o lado de quem menos se favorece com os costumes (as mulheres).

O que é o *Bildungsroman*?

O termo *Bildungsroman* vem da junção de duas palavras Bildung= formação e Roman= romance. “Trata-se de uma forma literária de cunho eminentemente realista, com raízes vincadas nas circunstâncias históricas, culturais e literárias dos últimos trinta anos do século XVIII europeu” (MAAS, 2000, p. 13).

Mas o termo *Bildungsroman* só surgiu no meio acadêmico em 1810, em uma conferência na Universidade de Dorpat na Estônia, criado pelo professor Karl Morgenstern. Ele afirmava que esse tipo de romance “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade” (MAAS, 2000 p. 19). O tema do romance de formação é a “reconciliação do indivíduo problemático, guiado pelo ideal vivenciado, com a realidade social concreta” (LUKÁCS, 2000, p. 138).

De acordo com Maas (2000), para melhor compreensão do romance, o cânone principal do *Bildungsroman* é *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (Goethe, 1994), uma obra com um protagonista masculino em um contexto burguês, onde relata as fases da vida do jovem Wilhelm Meister e como ele se desenvolve em cada momento de sua vida.

Maas (2000) ainda afirma que outras obras podem seguir a mesma temática do romance de formação: “assim, há obras que são *Bildungsroman* em maior ou menor medida, dependendo de sua maior ou menor semelhança com os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister” (MAAS, 2000, p. 24).

Para que o romance de formação se concretize, há três características básicas que devem estar presentes. A primeira característica é da que “o protagonista deve ter uma consciência mais ou menos explícita de que ele próprio percorre não uma sequência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de uma orientação no mundo” (JACOBS *apud* MAAS, 2000, p. 62). Para esta característica, podemos destacar como exemplo, em *Niketche*, após Rami frequentar as aulas de sexualidade com uma conselheira do amor, “(...) sinto uma enorme venda a deslocar-se dos meus olhos, enquanto pequenos segredos preenchem a minha alma como gotas de orvalho” (CHIZIANE, 2004, p. 42).

Outro ponto onde a protagonista está se autodescobrindo é quando, após a festa de aniversário de um dos filhos de Luiza, a terceira esposa do Tony, Rami fica embriagada e passa a noite com Vito, que era amante de Luiza. Ao retornar para sua casa, Rami tem a seguinte reflexão: “Fico feliz. Fico feliz. Eles nem imaginam que a mãe que partiu para a festa de aniversário não é a mesma que regressa. Ah, mas como esta viagem me transformou!” (CHIZIANE, 2004, p. 89).

A segunda característica é “a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento” (JACOBS *apud* MAAS, 2000, p. 62). Após todas as tentativas de manter Tony perto de si, os planos de Rami não saem como o esperado e Tony pede o divórcio, mesmo ela não concordando por medo das consequências do divórcio. Podemos perceber que, mesmo em uma situação trágica para ela, surge um pensamento diferente a respeito de si e um novo rumo para a sua vida. “É êxtase, perdição. Ah, minha ..., és meu tesouro. Hoje tenho orgulho de ser mulher. Só hoje que aprendi que dentro de mim resides tu, que é o coração do mundo. Por que te ignorei todo este tempo? Mas por que é que só hoje aprendi esta lição?” (CHIZIANE, 2004, p. 191). “A vida é a eterna metamorfose vejam só o meu caso. O meu lar cristão que se tornou em polígamo. Era esposa fiel que tornei-me adúltera – adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal” (CHIZIANE, 2004, p. 95).

Na terceira característica, “(...) o protagonista tem como experiência típica a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências intelectuais eróticas, experiência em um campo profissional e eventualmente também com a vida pública, política” (JACOBS *apud* MAAS, 2000, p. 62).

Essa característica é bem destacada em todo o romance. Primeiramente, Rami permite o afastamento da sua casa paterna quando ela vai pedir auxílio à sua família e explica a seu pai que seu marido Tony é um polígamo, e recebe a seguinte resposta de seu pai: “ – Se o teu marido não te responde, é em ti que está a falta. (...) – As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim” (CHIZIANE, 2004, p. 97). Indignada com a resposta, ela não diz nada a ele, mas, em seu pensamento, “são assim os pais. Sempre educando os filhos

para serem tiranos e as filhas para aceitarem a tirania segundo a ordem do universo” (CHIZIANE, 2004, p. 97).

Ela, enquanto mulher daquela família e daquela sociedade, tinha um legado a seguir, de ser submissa como foi sua mãe, suas tias, suas avós, mas Rami rompe esse ciclo, pois não quer mais isso para si e futuramente quer que suas filhas tenham uma vida diferente, mesmo que signifique um rompimento com a família.

Ainda no início da narrativa, a protagonista parte em busca de ajuda de possíveis mentoras para lhe ajudarem com seu casamento e nas questões do amor.

Eu, mulher casada há vinte anos, mãe de cinco filhos, experiente, andei de boca em boca, de ouvido em ouvido, escutando de toda a gente a forma mais certa de segurar marido. A minha mãe faz discursos de lamentos. As minhas tias velhotas repetem ladainhas antigas. Algumas amigas falam-me de feitiços de natureza vegetal. De origem animal. Outras ainda me falam de correntes espirituais, com batuques, velas e rezas. Outras ainda me falam de terapias de amor feitas em igrejas milagrosas. Outras me recomendam consultas em psicólogas formadas em universidades que dão consultas sobre amor. Outras ainda me falam de truques. Tenho a cabeça cheia de conselhos, revelações e segredos fornecidos por mulheres de todas as idades. A minha vizinha do lado insiste em levar-me para o curandeiro dela, mas eu preferi matricular-me num curso promovido por uma famosíssima conselheira amorosa que mora num lugar escondido no centro da cidade. Hoje vou ter a minha primeira aula (CHIZIANE, 2004, pp. 31-32).

As experiências eróticas no caso de Rami, lhe ajudaram a ter mais amor próprio, a querer ser amada e ter seu amor retribuído, pois mesmo após o ritual de viuvez, onde ela foi obrigada a ter relações com o irmão do Tony, ela pensa da seguinte forma “amor de um instante? Que seja! Vale mais a pena ser amada um minuto que desprezada a vida inteira “ (CHIZIANE, 2004, p. 225). Após a noite em que Rami passa com Vito, Luiza decide que irá dividir o amante com ela, assim, Vitor se torna amante de Luiza e Rami.

No campo profissional, Rami se torna sócia de Luiza na loja de roupas e aprende a fazer o *xiquite*, um tipo de poupança que as mulheres faziam escondido dos maridos: “vendemos a roupa usada durante seis meses. Criamos capital. A Lu e eu, cada uma de nós abriu uma pequena loja para vender roupas novas e o negócio começou a correr melhor” (CHIZIANE, 2004, p. 122).

Dentro das três características postas por Jacobs (*Apud* Maas, 2000), o romance *Niketché* completa as três características. E, nas linhas que se seguem, será analisado o

romance para entender em outros aspectos sua maior ou menor aproximação com o *Bildungsroman*.

Contexto extraeuropeu

O *Bildungsroman*, a priori, caracterizava-se por ser típico da literatura alemã, com seu início no final do século XVIII: “firmou-se como um conceito produtivo em quase todas as literaturas nacionais de origem europeia, tendo sido assimilado também nas literaturas mais jovens, como as americanas” (MAAS, 2000, p.13).

Contudo, “burgueses, aristocratas. E o romance de formação ‘dos outros’- mulheres, negros da América, proletários, africanos...?” (MORETTI, 2020, p. 15). Moretti cita Marc Bloch, o qual destaca no romance de formação o protagonista jovem, burguês e europeu sendo o detentor do monopólio do *Bildungsroman*, e o próprio Moretti discorda dessa afirmação ao sugerir alguns autores que destacam personagens que fogem a essa regra.

Nesses mais de 200 anos de *Bildungsroman*, esse gênero deixou de ser exclusivo do meio eurocêntrico e se tornou extra europeu, e também não é mais de exclusividade de personagens masculinos, como Ferreira Pinto (1990) destaca em seus estudos, personagens mulheres na literatura brasileira dentro do perfil do *Bildungsroman*, bem como na literatura Africana, com a personagem Rami (CHIZIANE, 2004).

Mobilidade e interioridade

A mobilidade é uma característica marcante dentro do *Bildungsroman* clássico. Movida pelas circunstâncias, Rami sente a necessidade de ir até a mulher que seu marido tem um caso. E a cada mulher que ela conhece, acaba descobrindo que há outra.

A personagem principal morava em Maputo, capital de Moçambique, mas as outras mulheres, com quem ela passou a dividir o marido, moravam em cidades diferentes, uma na mesma cidade que ela, outra em Inhambane, na Zambézia, em Nampula e em Delgado.

Então, o fato dela ter ido atrás dessas mulheres, ampliando seu espaço social, contribuiu para o seu crescimento, gerando novas experiências de vida e aumentando seu círculo de amizade. Essa exploração foi necessária para ela dar rumo aos novos acontecimentos de sua vida. “(...) A ‘aprendizagem’ não é mais um lento e previsível caminho (...), mas sim uma incerta exploração do espaço social” (MORETTI, 2020, p. 28).

Rami esteve adormecida em seu casamento por 20 anos, e cada nova viagem ela descobria mais sobre a vida extraconjugal de seu esposo. E foi conhecendo a cada uma das mulheres, Julieta, Luiza, Saly e Mauá Salué, e conhecendo a verdade sobre cada uma, é que Rami se volta para si e pensa nos seus 20 anos de casamento e percebe que os problemas não estão nela e nem nas mulheres, mas sim no marido, pois, assim como ela, todas as outras esposas do Tony eram deixadas de lado com muitos filhos, e ele só comparecia à casa dela para deixar dinheiro e fazer mais filhos.

“Exploração desejada [e necessária]: porque aquele mesmo processo gera esperanças inesperadas e alimenta, assim, uma interioridade não somente mais ampla do que já fora no passado, mas sobretudo (...) perenemente insatisfeita e irrequieta” (MORETTI, 2020, p. 29). Movida pela ânsia de reparar o erro causado na vida dessas mulheres, Rami se torna amiga delas e, mesmo indo contra seus princípios, permite a poligamia em seu lar e exige que seu marido assuma essas mulheres e seus filhos.

E o que antes sua vida era limitada a sua residência e de seus familiares, agora a sua interação social lhe permite conhecer novas pessoas, aprender mais sobre a vida e se permite questionar mais sobre onde ela está e onde ela quer chegar como mulher.

O *Bildungsroman* feminino

Diferente do *Bildungsroman* tradicional com o protagonista masculino, que “(...) a trajetória de desenvolvimento inicia-se na infância ou na adolescência, na contrapartida feminina o desenvolvimento da protagonista inicia-se frequentemente na idade adulta” (MAAS, 2000, pp. 245-246), e em outras situações seu crescimento e amadurecimento ainda continua após o casamento (BRÄDSTRÖM, 2009). Como podemos ver com a personagem Rami, que somente após 20 anos de casada, ela começou seu amadurecimento, mas, de acordo com Camilla Brädström, isso se dá ao fato de “(...) requires expansion beyond the point when the heroine is married, for up until this point of maturation the heroine has no sharp delineation of her self or her role, taking her identity from the man she marries, and wavering between self-narrowing and growth²” (2009, p.14). Devido às

² Tradução Livre: “(...) requer expansão além do ponto em que a heroína é casada, pois até este ponto de maturação a heroína não tem delineamento nítido de si mesma ou de seu papel, tirando sua identidade do homem com quem ela se casa, e oscilando entre auto estreitamento e crescimento” (BRÄDSTRÖM, 2009, p.14).

consequências do casamento, a protagonista necessita se esforçar mais para ter a liberdade de volta, não só a liberdade do corpo, mas a liberdade da mente.

Quando voltamos a analisar Wilhelm Meister, para o homem adquirir sua liberdade, seu caminho até seu amadurecimento é muito mais fácil. Na prática, é muito mais tranquilo do que se compararmos com duas personagens mulheres de épocas diferentes, Elizabeth Bennet (final do século XVIII) (AUSTEN, 2019) e com Rami (início século XXI) ambas apresentam barreiras sociais, que acabam interferindo e retardando seu amadurecimento. A socialização e a liberdade de conhecer o mundo e a vida que Wilhelm Meister tinha era muito mais restrita e controlada para Elizabeth e Rami. Para o homem no *Bildungsroman*, se aventurar na sua iniciação sexual é uma etapa fundamental, enquanto, para a mulher, seria sua condenação, que é como Rami se sente quando ela estava bêbada e, induzida por Luiza ela passa noite com Vito, na cabeça dela aquele ato seria sua ruína perante a sociedade, caso alguém descobrisse.

(...) a defining characteristic of the female Bildungsroman, is thus that “Bildung takes a greater toll from the heroine in that she embarks upon a quest of self-discovery, of discovering things she has known but cannot yet act upon”. The female protagonist’s search for self-knowledge has a more negative effect on her because she feels burdened by social injustices, as she cannot yet take action to solve the problems. However, once she discovers her identity and place in society, then she can begin to develop. Her journey towards self-realization will be promoted or hampered by her self-education and ideological testing³ (LABOVITZ *Apud* BRÄDSTRÖM, 2009, pp. 16-17)

E é assim que percebemos Rami em *Nikette*, onde ela está sobrecarregada e ainda se sente culpada por querer tentar levar uma vida diferente. As injustiças sociais e familiares as quais ela sofreu a vida toda aprisionam a sua mente impedindo que ela prossiga.

Wilhelm Meister (GOETHE, 1994) nasceu na casta errada, Julien Sorel (STENDHAL, 2002) nasceu na época errada e Rami nasceu no corpo errado, ela sente a angústia de ser mulher por causa das tantas injustiças que ela sofre, “ – Se fosse homem

³ Tradução Livre: (...) uma característica definidora da mulher *Bildungsroman* é, portanto, que “Bildung cobra um tributo maior da heroína porque ela embarca em uma busca de autodescoberta, de descobrir coisas que ela conheceu, mas ainda não pode agir”. A busca da protagonista pelo autoconhecimento tem um efeito mais negativo sobre ela, porque ela se sente oprimida pelas injustiças sociais, pois ainda não pode agir para resolver os problemas. No entanto, uma vez que ela descubra sua identidade e lugar na sociedade, ela pode começar a se desenvolver. Sua jornada em direção à autor realização será promovida ou dificultada por sua autoeducação e testes ideológicos (LABOVITZ *Apud* BRÄDSTRÖM, 2009, pp. 16-17).

não veria todas esta desgraça. Maldita hora em que Deus me fez mulher” (CHIZIANE, 2004, p. 181).

Por isso que Brädström (2009) ressalta que o processo de crescimento da mulher se inicia mais tarde e demora mais para se concretizar do que o homem.

Being a female, the heroine feels burdened by the inequalities between the sexes that she becomes aware of, which does not bother the hero to the same extent. Experiencing a double burden, the heroine must leave social issues open, temporarily anyway, as her primary goal is to find her self. (...) The heroine's quest, then, is essentially circular, while the hero's is spiral, that is, more straightforward⁴ (BRÄDSTRÖM, 2009, p. 17)

Carmen Viu (2021) também ressalta que as etapas do desenvolvimento do *Bildungsroman*, para a mulher, tem uma progressão diferente, tornando mais direta para o homem, já que, para a mulher, o contexto cultural e social político incide mais sobre ela.

Outro ponto importante dentro do romance de formação feminino é a fantasia, onde a mulher recorre à fantasia para satisfazer seus desejos, que permite a ela viver uma realidade que para ela não existe (VIU, 2021). E, dentro dessa fantasia, Chiziane (2004) se utiliza de um espelho como alegoria para advertir sobre a vida e, para fazê-la, que as respostas que ela buscava sempre estavam com ela, Rami sempre conversava com o espelho como nos contos de fada. E, por nove vezes, ela se dirige ao espelho para que ele lhe diga que rumo da sua vida ela deve seguir, em algumas situações ele a consola, outras a repreende, outras vezes a acusa pelas suas atitudes.

O espelho age como a consciência de Rami, que espera por conselhos, mas que muitas das vezes ela não consegue seguir. Ela se sente arrasada pelo que escuta e, quando finalmente ela tem o controle da sua vida, quando ela pergunta pela última vez, ela não espera pela resposta do espelho, ela o ignora e responde por si e em voz alta.

A questão do trabalho

Rami, a personagem central do romance do presente artigo, em seu desenvolvimento e amadurecimento que caracteriza o romance de formação, a personagem

⁴ Tradução livre: Por ser mulher, a heroína se sente oprimida pelas desigualdades entre os sexos de que toma conhecimento, o que não incomoda tanto o herói. Experimentando um fardo duplo, a heroína deve deixar as questões sociais em aberto, temporariamente de qualquer maneira, já que seu objetivo principal é encontrar a si mesma. (...) A busca da heroína, então, é essencialmente circular, enquanto a do herói é em espiral, ou seja, mais direta (BRÄDSTRÖM, 2009, p. 17).

também contribui diretamente e não intencional para a emancipação das outras quatro esposas do seu marido.

Quando Rami emprestou dinheiro para elas abrirem seus próprios negócios, para serem empresárias, Luiza, Julieta, Saly e Mauá Salué conseguem ser bem-sucedidas e ampliam seus negócios e suas possibilidades de vida, e não dependem mais financeiramente e conseqüentemente emocionalmente de um homem.

O indivíduo se transforma à medida que recebe um estímulo exterior (VAZQUEZ, 2007), e foi isso que aconteceu com as esposas de Tony, só precisavam de uma oportunidade e o incentivo dado por Rami, que também prosperou no seu próprio negócio, e que ao final da narrativa é possível notar que elas passam a se enxergar como mulheres, capazes de terem suas próprias famílias, proverem seu próprio sustento, e não mais como um objeto sexual à mercê de Tony.

“No mais clássico do Bildungsroman o processo de formação-socialização é colocado ostensivamente fora das atividades do trabalho. Não é trabalhando que o indivíduo se transforma” (MORETTI, 2020, p. 55). Mas, para Rami, o fato dela também ter se tornado uma comerciante era mais um degrau em sua vida/formação para sua futura liberdade. “Vendemos no mercado da esquina onde há grande clientela (...). Quando o movimento declina, as mulheres sentam-se em roda, comem a refeição do dia e falam de amor. Um amor transformado em ódio, em raiva, em desespero, em trauma” (CHIZIANE, 2004, p. 119). Essa interação que Rami tinha com as outras mulheres lhe servia de aprendizado; todas essas mulheres independentes e sofridas indiretamente eram suas tutoras.

Historicamente, em Moçambique, as mulheres são muito discriminadas e rejeitadas, “são autoras-chave no cuidado familiar, todavia, são igualmente autoras menos privilegiadas no Mercado de trabalho e educacional, entre outros aspectos sociais” (MAÚNGUE, 2021, s/p.). Ou seja, para o formação-socialização, o trabalho foi preponderante para Rami, pois, no contexto cultural e social que ela vive, sem trabalho ela não teria chance de nada e permaneceria na eterna dependência do cônjuge.

Fazendo um paralelo de Rami com Wilhelm Meister e Elizabeth Bennet, Wilhelm era um burguês e não tinha a necessidade de trabalhar, porque seu cunhado sempre lhe enviava dinheiro. Elizabeth, mesmo sendo de uma família com uma condição financeira boa, havia a questão das mulheres da sua época, que não trabalhavam e, como ela e seus

irmãs não teriam direito a herança do pai, devendo recorrer a um casamento para não passar fome e para ter um teto para morar. Mas, diferentemente de Wilhelm, se Elizabeth tivesse como trabalhar para se sustentar e não depender de outros, ela o faria. E Rami também se agarrou a essa oportunidade de trabalho,

[...] foi quando comecei a observar. As minhas rivais progrediam nos negócios, e eu não. Mente para ele, Rami, aconselham, mente. Não diz nunca toda a verdade. Guarda teu dinheiro escondido num canto. Dinheiro nos bolsos de um homem é para todas as mulheres. Nas mãos de uma mulher é para pão e comida. O dinheiro que ganhas está mais seguro nos teus bolsos que nos bolsos dele (CHIZIANE, 2004, p. 121).

Então, pode-se dizer que, no *Bildungsroman* feminino, o trabalho é uma questão importante para a sobrevivência e, por conseguinte, para o desenvolvimento pessoal e emocional da personagem.

A felicidade em questão: *happy ending* or *unhappy ending*?

Há uma semelhança entre Elizabeth Bennet e Rami: ambas são céticas quanto à felicidade, mas, ao mesmo tempo, estão sempre em busca do amor e, conseqüentemente, da felicidade, como se esta estivesse condicionada ao amor/casamento.

“O enredo do *Bildungsroman* clássico propõe como valor supremo a ‘felicidade’, mas ao fazer isso avilta e anula o valor da liberdade” (MORETTI, 2020, p. 33), e Rami percebe isso, o que de início buscava sua felicidade, e depois de todos os infortúnios que ela passa por causa de seu marido, ela tenta dar um sentido para a sua vida e passa a se preocupar mais com sua liberdade. Estando ela presa às questões culturais do seu povo, o divórcio era algo inviável para ela conseguir seguir uma vida normal. E com um golpe de sorte, Tony é dado como morto pela família e pelas autoridades locais. Mesmo sabendo que Tony estava vivo e em viagem com a amante em Paris, ela não tinha direito a nada do que era do falecido marido, mas vê nessa situação a oportunidade de ser livre.

Como uma das características do *Bildungsroman* é o final feliz da personagem, e quando analisamos a vida de Wilhelm Meister, que durante a leitura da obra, já é possível imaginar que ele irá ter um final agradável e feliz, que ao longo de toda sua trajetória de amadurecimento, ele também estava buscando a sua possível Senhora Meister. E Elizabeth Bennet, que mesmo com as divergências com o Senhor Darcy, já era previsto um final

harmonioso entre os dois. E quando iniciamos a leitura em *Niketche*, Rami almejava que seu marido fosse um pai mais presente, fosse mais atencioso, romântico e fiel.

Para o gênero quando temos um protagonista feminino um final harmônico e feliz nunca ou quase nunca acontece (VIU, 2021). Mas até certo ponto imaginamos que ela iria conseguir e, gradativamente, vemos que a realidade vivida por Rami está longe de ter um final feliz. Ela imaginava que sua felicidade estava condicionada ao Tony, mas ela passa a compreender que sua felicidade está condicionada à sua liberdade, em se livrar de um casamento fracassado, e a trama tem outro desfecho, seguindo a linha dos finais realistas de Balzac.

Como Rami havia passado pelo ritual de viuvez, perante a sociedade, ela estava livre, e para ela era mais fácil ser uma mulher viúva do que uma mulher divorciada. Ela era agora a segunda esposa de Levi, o irmão de Tony, e ao final da narrativa mesmo Tony implorando para ela voltar para ele, que no início era o que mais queria. Grávida, ela opta por seguir seu caminho sozinha e percebe que sua felicidade estava em sua liberdade sem o seu marido Tony.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de compreender se o romance *Niketche: uma história de poligamia* se enquadra dentro do gênero romance de formação, chega-se à conclusão de que o romance estudado se emolda ao *Bildungsroman*.

Percebemos a evolução do gênero principalmente quanto à questão de a protagonista ser uma mulher, que adquire características próprias quanto a este gênero não se restringe mais ao contexto eurocêntrico.

Mesmo o romance abordando situações duras e dramáticas, o tom irônico e bem-humorado também estava presente. Pinto (1990) também descreve o humor e a ironia como características do romance de formação, que ajudam a deixar mais leve a trajetória da personagem.

Como descrito por Maas, o romance de formação é uma “fábula realista”, que no romance deixa implícito a percepção do tempo histórico, mas, quanto às questões culturais e sociais, são muito bem explícitas, pois se tem uma sociedade onde a mulher é esmagada pelo sistema. Quando a ela percebe as injustiças que sofre, se rebela, mas corre o risco de

punição, que foi justamente o que ocorreu com a Rami; seu marido queria puni-la com o divórcio que a deixaria sem bens e sem seus filhos.

Rami teve uma iniciação fracassada, que só foi corrigida após 20 anos de casada, quando ela já estava na faixa dos 40 anos. A sua relação com a dimensão pública ampliou suas possibilidades de formação e, a partir da construção da sua personalidade, foi possível notar, durante as vezes que ela conversava com o espelho, a exposição de seus altos e baixos e de sua compreensão da realidade.

O casamento como metáfora foi uma característica marcante dentro do romance. Ao longo da narrativa, é evidente para a protagonista que ela não tinha um casamento, mas um contrato assinado onde seu marido era seu proprietário.

Outra característica marcante dentro do romance é o transformismo da personagem ao aceitar a poligamia dentro do seu lar para tentar resgatar o seu relacionamento, ao mesmo tempo em que ela tinha a interiorização dos seus valores.

No romance de formação, o desenvolvimento social é diferente para homens e mulheres. Quando vemos os protagonistas homens percebemos que eles buscam atender aos caprichos da vida enquanto as protagonistas mulheres buscam espaço, reconhecimento e valorização de si.

No início da narrativa, a maturidade de Rami estava em se conformar com a sociedade e com as regras impostas pela família, mas o “autodesenvolvimento e integração são percursos complementares e convergentes, em cujo ponto de encontro e de equilíbrio situa-se aquela plena e dupla epifania do sentido de ‘maturidade’. Uma vez alcançada, a narrativa terá alcançado seu objetivo (...)” (MORETTI, 2020, p. 46). Que foi quando Tony pediu o divórcio para Rami, e esse momento foi a alavanca para que ela tivesse a mudança de comportamento e começasse a agir sobre suas decisões, e na sequência o romance começa a encaixar as peças e solucionar as questões ainda pendentes dos personagens, e Rami atingiu a sua real maturidade, superou a alienação de toda uma vida e o romance se encerra. “A solidão da alma é superada” (LUKÁCS, 2000, p. 139), mas o final solitário de Rami não está ligado a um final triste, mas à sua libertação.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 3ª edição. Jandira: Principis, 2019.

BRÄNDSTRÖM, Camilla. **"Gender and Genre":** A Feminist Exploration of the Bildungsroman in A Portrait of the Artist As a Young Man and Martha Quest. (2009). Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:303315/FULLTEXT01.pdf>
Acesso: 05/01/2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche:** uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOETHE, Johann W. **Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister.** São Paulo: Ensaio, 1994.

LUKACS, Georg. **A teoria do romance.** São Paulo: Editora 34, 2000.

LIGA MOÇAMBICANA DOS DIREITOS HUMANOS. **Direitos das mulheres em Moçambique:** Pôr fim às práticas ilegais. Federação Internacional de Direitos Humanos. Nº 474/4 Maio/2007. Disponível em: <https://www.fidh.org/IMG/pdf/Mozambique300408portug.pdf>.

MAAS, Wilma Patrícia. **O Cânone mínimo:** O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 1057

MAÚNGUE, Hélio Bento. **Mulher moçambicana:** cultura, tradição e questões de gênero na feminização do HIV/SIDA. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2020000100504&script=sci_arttext
Acesso em: 10/01/2021.

MORETTI, Franco. **O romance de formação.** São Paulo: Todavia, 2020.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino:** quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

STENDHAL. **O vermelho e o negro.** São Paulo: Nova Cultural, 2002.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIU, Carmen Gómez. **El bildungsroman y la novela de formación femenina hispanoamericana contemporánea.** Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/10609-15177-1-PB.pdf> . Acesso:05/01/2021.